

AS DANÇAS CIRCULARES COMO INSTRUMENTO DE SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

VOLTOLINI, Renata Vicente¹
MORALES, Angélica Góis Muller²

RESUMO

Acredita-se que as danças circulares propiciam para as pessoas uma vivência única e profunda ao nível das emoções, que desperta o interesse e o respeito pelos ritmos da natureza. Uma música, um movimento ou a relação entre as pessoas no círculo, pode ocasionar transformações, mudanças de atitudes ou pelo menos uma reflexão da postura que o ser humano tem com relação ao meio ambiente. Este artigo é parte do resultado de um estudo monográfico que apresenta reflexões teóricas da dança circular e da educação ambiental, no intuito de aproxima-las entre si frente a uma conduta de sensibilização ambiental. E aliando-se aos conceitos de educação ambiental, de arte e de cultura, este estudo aponta experiências com a Dança Circular, servindo como apoio para as pessoas que desejam a transformação, a mudança de atitudes e a valorização do ser humano e do planeta através de uma possível Educação Ambiental.

Palavras-chave: dança circular; educação ambiental; sensibilização.

INTRODUÇÃO

O ser humano surgiu há mais de um milhão de anos e lentamente povoou a Terra. Nos últimos tempos aconteceu uma explosão demográfica juntamente com diversos outros acontecimentos e com isto muitos problemas surgiram devido ao domínio do ser humano sobre a natureza. A exploração dos recursos naturais passou a ser irracional e a ponto de ser impossível renová-los.

As últimas notícias são claras: aquecimento global, furacões, enchentes, erupção de vulcões, tempestades, deslizamentos de terra, epidemias, fome, miséria, violência, guerra, falta de água, falta de valores, ganância, desenvolvimento,

¹ Graduada em Psicologia pela PUC/PR. Especializada em Psicomotricidade Relacional pela Clínica Movimento e Pós-Graduada em Gestão Ambiental da Pós Bagozzi. Professora da Escola de Educação Especial Central e de Literatura Infantil no Colégio Martinus. Atriz, pesquisadora de cultura popular e danças circulares. E-mail: renata@sonhoemagia.com.br

² Co-autora e orientadora deste trabalho monográfico do Curso de Especialização de Gestão Ambiental, da Pós-Graduação Bagozzi. Graduada em Ciências Biológicas pela UNESP/SP. Mestra em Educação Ambiental pela FURG/RS e Doutoranda em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR/PR. E-mail: angelicagoismorales@ig.com.br

tecnologia, evolução... evolução? Para onde estamos indo? Para onde tudo isto vai nos levar?

Estamos pagando um preço muito caro por um desenvolvimento que todos acreditam ser necessário. A tecnologia a serviço do ser humano ou será a tecnologia desumanizando o ser humano? Muitos ainda acreditam que o aquecimento global e as catástrofes são fatos inevitáveis e que a ação do ser humano nada tem a ver com isso. Muitos ainda acreditam que suas atitudes nada causam para o planeta. Muitos acreditam que o dinheiro é a solução para todos os problemas.

A maioria das pessoas assume uma posição egoísta diante da vida. As coisas realmente só valem a pena se trouxerem um benefício pessoal. É o prazer imediato, o aqui e o agora. Preocupação com as gerações futuras? Nem pensar. Preocupação com o planeta? Isto é coisa para os ambientalistas. Preocupação com o outro? Ninguém se preocupa comigo, porque tenho que me preocupar com o outro. O nosso atual modelo econômico centrado no lucro gerou uma era de destruição.

Atitudes muito drásticas deverão ser tomadas para que a situação reverta e possamos evitar o caos. Mas como levar o ser humano a ter consciência de seus atos e saber das conseqüências que cada atitude pode ter. É claro que sensibilizar as pessoas para este fato não é e nem vai ser uma tarefa fácil. Talvez isto realmente seja uma utopia, mas não podemos ficar parados diante desta situação.

Diante dos atuais fatos podemos considerar que uma das principais vias para a sensibilização do ser humano é a educação e a arte. Mas precisamos também estar atentos com relação à forma como a educação vem acontecendo. Existem várias correntes educacionais e algumas só reproduzem o modelo mental que estamos questionando. Precisamos de uma educação que veja o ser humano como um ser integral, que o integre ao ambiente, enfim que traga a possível e reflexiva transformação.

Atualmente existe um elemento muito importante na educação para a preservação e conservação da vida no planeta; é a Educação Ambiental. Para que a educação ambiental seja eficiente, necessita utilizar inúmeros recursos e técnicas que facilitem a sensibilização das pessoas para a questão ambiental. É preciso que as pessoas tomem atitudes urgentes.

É importante lembrar que algumas correntes educacionais educam ambientalmente sem utilizar o nome de educação ambiental e esta é realmente uma visão global. Neste artigo, buscamos traçar uma breve síntese desta visão global da educação para a transformação do planeta, para uma vida saudável consigo mesmo, com o próximo e com o ambiente; além de trazer a arte como um dos instrumentos utilizada por essa educação global ou também comumente denominada integral ou holística.

Dentro da arte, a cultura de uma região pode ser expressa de várias formas: através de uma pintura, de uma escultura, da música, do teatro e da dança; e a dança é uma das formas mais populares de comunicar a cultura. O nosso país é muito rico nesta área. Temos o Frevo, o Fandango, o Coco, Maracatu Rural, o Samba, Cavalo Marinho e outras, todas elas compõem uma riquíssima manifestação de tradições populares, da fé, do trabalho e das heranças ancestrais. Mas, não é só o Brasil que possui esta riqueza, povos de outros países, povos antigos, de tradições milenares já utilizavam a dança nos seus rituais, nas suas comemorações, nas suas manifestações. Estas danças são hoje conhecidas como *danças circulares*; que podem se apresentar como instrumento de transformação e configurar grande aliada na missão da Educação Ambiental.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL

A educação integral visa o desenvolvimento da pessoa de forma global, isto é, de seus aspectos intelectuais, sociais, emocionais, físicos e até mesmo espirituais, girando em torno sempre das relações; relações com o conhecimento, com o professor, com o ambiente, buscando o crescimento, a descoberta., o envolvimento com o mundo. “A espiritualidade é essencial à filosofia holística”. (HUTCHISON, 2000, p.60) A espiritualidade tal qual e citada pela educação integral, não se refere a nenhuma crença, dogma ou religião e sim uma busca contínua de como perceber o mundo.

A educação integral permite que o educando tenha uma visão de planetariedade (GADOTTI 2000, p. 135), uma consciência de que sua atuação histórica está imbuída de uma responsabilidade com relação ao futuro comum da

humanidade. Permite ainda a possibilidade de ultrapassar os limites geográficos e perceber que está vivenciando um momento único e que este momento precisa de suas ações para que a vida no planeta seja sustentável.

A concepção de que atualmente existe uma fragmentação no pensar e no agir, acaba muitas vezes inibindo nas pessoas a expressão de suas habilidades, da criatividade e de suas emoções. As propostas educacionais de hoje devem alimentar esta visão integral, educar de forma transformadora, educar para o mundo, para um novo mundo.

Uma das características marcantes desta educação integral é justamente a conexão, unir as partes a um todo, descobrir a relação entre as coisas. Este é o desafio, procurar construir todo tipo de conexões, como exemplifica Yus (2002, p 33), relações entre pensamento linear e intuição, relações entre mente e corpo, relações entre o eu e a comunidade, entre o indivíduo e a terra, entre o eu e o EU, enfim, uma conexão com a parte mais profunda de nós mesmos.

Assim, uma das formas de educação integral é a Educação Baseada nos Valores Humanos, criada por Sathya Sai Baba, o mais importante líder espiritual da Índia. Esta forma de educação constitui para Martinelli (1999) um programa que possui uma visão do ser humano como uma entidade que faz parte do processo cósmico e que participa ativamente de todos os processos de vida no planeta. Este programa defende o conhecimento profundo do ser humano e o aperfeiçoamento do ser integral.

Em todas as culturas o conhecimento está subordinado à um contexto natural, social e de valores. Indivíduos e povos criam, ao longo da história, instrumentos teóricos de reflexão e observação. Associados a estes desenvolvem técnicas e habilidades para explicar, entender, conhecer e aprender, visando saber e fazer. Assim, teorias e práticas são respostas a questões e situações diversas geradas pela necessidade de sobrevivência e transcendência. A transdisciplinariedade é uma postura transcultural de respeito pelas diferenças, de solidariedade na satisfação das necessidades fundamentais, e de busca de uma convivência harmoniosa com a natureza. (D'AMBRÓSIO, 1997, p.10)

O propósito da educação baseada nos valores humanos é justamente mostrar a questão da transdisciplinariedade, que “é visão integrada do conhecimento que

amplia as dimensões dos conteúdos de cada disciplina para uma compreensão integral da vida” (MARTINELLI, 1999, p.31).

Educar em valores humanos tem como meta despertar a consciência dos valores humanos como herança e conquista da personalidade. A educação é o fio condutor que desperta visões renovadoras do mundo e leva a descobertas científicas humanas e espirituais. (MARTINELLI, 1999, p.27)

A educação em valores humanos trabalha com os valores absolutos (verdade, ação correta, paz, amor e não violência) e a cada valor absoluto correspondem valores relativos que, exercitados, aprimoram a personalidade e fortalecem o caráter. Para Martineli (1999), os valores humanos estão vivos e presentes no pensamento humano em todo momento, determinam o comportamento e orientam a inteligência e a criatividade.

O que caracteriza a vida é a ação. Na nossa espécie, a ação é subordinada às forças de sobrevivência e de transcendência. É deflagrada a partir de informações fornecidas pela realidade, que, uma vez processadas, definem estratégias para a ação. Toda ação no ser humano é inteligente, amparada por uma estratégia. Tem um objetivo, obedece a uma vontade. O auge do ser humano é estar no controle de todas as suas ações. A evolução da vida de cada indivíduo é um crescimento em direção a este controle (D'AMBROSIO,1997, p. 139)

O pensamento da educação integral e do programa de educação em valores humanos que trazem embutidos os conceitos de unidade, transdisciplinariedade, planetariedade e transculturalidade reforçam a colocação de D'ambrósio de que realmente a educação é o melhor caminho para a transformação, assim como reforça os propósitos da própria Educação Ambiental, no qual a questão ambiental é um tema bastante discutido frente a toda problemática do planeta. A verdade é que as pessoas estão parando para refletir sobre as questões ambientais por perceberem que o atual modelo econômico é insustentável e está consumindo os recursos naturais de gerações futuras.

A forma como vivemos atualmente segue um modelo mental que durante anos nos foi passado. Segundo Araújo (2003,p. 28) , “são modelos abstratos da realidade armazenados na mente que representam nosso aprendizado até o momento presente”.

O modelo que vigora atualmente nos coloca em uma posição fragmentada com relação à natureza, em uma posição de domínio, onde o crescimento econômico e material é a base para o crescimento humano. O consumismo é alarmante. Este é um paradigma que precisa ser quebrado para que possamos voltar a perceber a natureza como parte do nosso ser.

Para que este paradigma seja quebrado podemos ressaltar a educação ambiental com um papel de fundamental importância. Para iniciar qualquer reflexão sobre a EA, torna-se necessário estabelecer uma definição abrangente e profunda que não leve a ações superficiais.

Segundo a autora Abreu (2000, p.79),” a verdadeira educação ambiental é capaz de sensibilizar as pessoas, a ponto destas se tornarem responsáveis por tudo aquilo que possa causar impacto sobre a qualidade de vida dos diversos seres da Terra”.

A EA pode despertar nas pessoas a responsabilidade por todos os seus atos, a consciência de que cada ato traz uma consequência e de que possuímos dentro de nós um grande poder de transformação. É importante pensar que a convivência com a natureza é um fator decisivo para o bem estar físico e psicológico do ser humano. “A educação ambiental toma a ecologia como pretexto para trabalhar a integridade humana,” (GADOTTI, 2000, p. 84) a partir do momento em que se propõe uma mudança de mentalidade em relação à natureza através de atitudes, valores e ações.

Educação ambiental é uma escolha de vida que propicia uma relação saudável com o ambiente, com o próximo e consigo mesmo, numa verdadeira integração como propõe a abordagem das “Três ecologias”- a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental, de Félix Guatarri (1998 p.23) ou da “*ecologia profunda*” expressão criada pelo filósofo Arne Naess na década de 70.

A educação ambiental vai muito além do conservacionismo. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes, valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os

outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho doméstico, (GADOTTI, 2000, p. 96)

Sendo a educação ambiental tão amplamente discutida nos dias de hoje, foi um dos temas de maior destaque no Fórum Global da Rio-92, e que a partir deste evento foi lançado um *Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global*. Gadotti (2000, p. 95-6) cita alguns princípios básicos deste documento que podem clarear os objetivos da educação ambiental.

a) A educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seus modos: formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade; b) A educação ambiental é individual e coletiva. Tem o propósito de formar cidadãos com consciência local e planetária, que respeitem a autodeterminação dos povos e a soberania das nações; c) A educação ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a natureza e o universo de forma interdisciplinar; d) A educação ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas; e) A educação ambiental deve integrar conhecimentos, aptidões, valores, atitudes e ações. Deve converter cada oportunidade em experiências educacionais das sociedades sustentáveis; f) A educação ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais compartilhamos este planeta, respeitar seus ciclos vitais e impor limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos. (Fórum Global 92, p 194-6 citado por GADOTTI, 2000, p.95-6)

Para que a educação ambiental tenha eficácia, a simplicidade é a melhor forma de comunicação. “A comunicação quando feita de forma simples e direta, tem mais poder que aquela elaborada, adornada de teorias, termos e técnicas científicas” (ABREU, 2000 p. 88)

Esta simplicidade de comunicação e a amplitude da educação podem estar relacionadas com a arte e com a cultura. Além disso, “práticas e crenças culturais humanas são inerentes da noção holística de consciência espiritual.” (HUTCHISON, 2000, p.60)

Considerando o conceito de cultura citado por ARAÚJO (2001, p.25) em que cultura é tudo aquilo que foi tocado pela mão e pelo espírito criador do homem, podemos dizer que a forma com que o homem se relaciona com a natureza é cultural.

O indivíduo humano não se caracteriza só como conhecedor de dados culturais. Ele é também e principalmente um agente de cultura, ainda que, muitas vezes, disso não tenha consciência. (VANUCCHI, 1897, p 14)

Através da educação podemos conhecer outras culturas e vivenciá-las, podemos expressar a nossa cultura, podemos expressá-la através da arte. O importante é saber que cada um é um agente da cultura do seu povo, que cada um tem uma história para contar, que cada cultura está repleta de valores essenciais. Na cultura de um povo encontramos seus mitos, sua religião, sua língua, sua arte, e é claro que não podemos considerar nenhum conceito de cultura como correto e definitivo.

...é importante considerar a diversidade cultural interna à nossa sociedade, isso é de fato essencial para compreendermos melhor o país em que vivemos. Essa diversidade não é feita só de idéias, ela está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, é um elemento que faz parte das relações sociais do país. A diversidade também se constitui de maneira diferente de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas. (SANTOS, 1983, p. 19)

A educação por sua vez, pode contribuir quando leva à reflexão com relação às culturas de outros povos e com relação a cada um enquanto um agente cultural. “A cultura é dinâmica e passa por processos de transformações tal qual as sociedades. É um processo.”(SANTOS, 1983, p. 26).

Através da educação podemos conhecer e construir cultura. Através da educação podemos conhecer e vivenciar a arte. Através da educação podemos conhecer e resgatar valores. Através da educação podemos conhecer e cuidar do planeta. E aqui não estamos falando apenas da educação formal, escolar, acadêmica, mas também da educação informal, com familiares, amigos, enfim, a educação como um processo de vida, de forma integral e permanente.

DANÇAS CIRCULARES: UNINDO EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA

A dança faz parte do universo desde que houve o sopro da vida. Está presente nos rituais, nas celebrações, nas festas, enfim, uma forma de conexão com o sagrado.

Os povos antigos dançavam o nascimento, o casamento, o plantio, a colheita, e até a morte. Suas danças tradicionais expressam a sua cultura, seus desejos e

necessidades. O sentido dessas danças é a vivência e não a apresentação mediante aplausos de uma platéia.

Muitas destas danças estão ligadas com informações ancestrais e com a sabedoria universal dos povos. As danças circulares também são chamadas de sagradas, porque é um momento em que o dançante entra em contato com a sua essência e com a transcendência. Muitos rituais da dança circular são movimentos observados na natureza ou um relato de hipóteses míticas sobre a origem do universo, dos deuses e do ser humano, ou seja, uma maneira de explicar a nossa própria existência em suas diferentes dimensões.

Acredita-se que a dança foi a primeira forma de expressão artística desenvolvida pelos humanos, a primeira tentativa de recriar e compreender o fluxo da vida.

A dança como expressão do homem movido pelo poder transcendente é assim a forma artística mais antiga: antes que o homem expressasse sua experiência da vida mediante os materiais, fá-lo com seu corpo. O homem primitivo dança em qualquer ocasião: por alegria, por dor, por amor, por medo, ao amanhecer, na morte, no nascimento. (WOSIEN, 2002, p.9)

As danças circulares sempre estiveram presentes, em todas as épocas, na cultura dos povos do mundo inteiro. O trabalho de reuni-las e divulgá-las deve-se à iniciativa de diversos artistas e dançarinos, dentre eles o russo Gurdjieff, os alemães Bernhard e Gabrielle Wosien, o norte americano Samuel Lewis e Anastácia Geng da Letônia.

Segundo Sirlene Barreto (2002, P.20),

aquele que sabe compreender a dança sagrada conhece o caminho que liberta da ilusão individualista, pois a dança é sua própria natureza, sua vida espontânea e total, para além de todos os fins particulares e limitados: ele se identifica com o movimento rítmico do todo que o habita. Ela nos revela que o sagrado é também carnal e que o corpo pode ensinar o que um espírito que se quer desencarnado não conhece: a beleza e a grandeza do ato quando o homem não está separado de si mesmo, mas inteiramente presente no que faz.

Gurdjieff pesquisou as tradições da Ásia Central e recolheu danças que faziam parte das antigas escolas do Oriente. O alemão Bernhard Wosien buscou uma forma de expressão corporal que transmitisse alegria e descobriu esta fonte em danças

folclóricas e campestres de seu país, estendendo sua pesquisa a outros países europeus.

Anastácia Geng desenvolveu a dança das plantas curativas, instrumentos auxiliares de cura através da energia das plantas. Samuel Lewis, por outro lado, baseou-se na meditação e no canto de mantras associados ao movimento da dança, e o resultado deste trabalho ficou conhecido como danças da paz universal.

A Findhorn Foundation, na Escócia, existente há 40 anos, foi o pólo de divulgação das danças para o mundo e hoje tem um departamento de danças sagradas coordenado por Peter Vallance.

No Brasil as danças chegaram através de Anna Barton, no ano de 1995. Na época ela era diretora do departamento de Danças Sagradas de Findhorn. Barton realizou várias oficinas em São Paulo, Belo Horizonte e Salvador. Isto fez com que os brasileiros resgassem também seus cantos e danças e sua verdadeira cultura.

Segundo Barreto (2000, p 16):

Nas danças sagradas as pessoas se concentram mais na experiência pessoal e na essência das danças do que na autenticidade dos passos. Dançando nos círculos as pessoas podem melhorar e enriquecer suas vidas, física, emocional, mental e espiritualmente, irradiando essa transformação para todos aqueles com quem entram em contato. A comunicação passa a ser mais profunda e significativa o que pode ajudar a melhorar e enriquecer o mundo todo.

Estas danças ajudavam as pessoas a irem em busca de sua essência e desenvolver qualidades e aptidões que desconheciam ou tinham pouco contato, a estar presentes aqui e agora e identificar o que precisavam mudar e criar para realizar seus sonhos.

A cada encontro, as pessoas descobriam o poder de cura das danças e percebiam sua simplicidade e leveza beneficiando os participantes da roda. Umas são alegres, energizantes, outras são meditativas, introspectivas. Cada uma com seu simbolismo, sua melodia, seu ritmo, seus gestos, seu poder, cada uma atuando na transformação de estados emocionais e físicos, buscando sempre o bem estar e a melhoria da qualidade de vida. A Dança Sagrada traz a esperança do crescimento

e da transformação conscientes através da alegria e da leveza, em comunhão com as outras pessoas.

Um dos pontos mais importantes que percebemos e honramos no trabalho com as Danças Circulares Sagradas é o sentido de irmandade, de comunidade que elas despertam. Todos se ajudam, nada é propriedade de ninguém, ou tudo é de todos, a partir do momento em que há uma conscientização profunda do que está sendo feito. (RAMOS, 1997, p. 8)

Conectar-se com o “Sagrado”, nestas danças, é também se conectar com a sua intenção e o seu propósito, permitindo que a qualidade de cada dança entre no nosso ser e possa transformar o que seja necessário. Através das danças, o que cada pessoa tem de melhor dentro de si é manifestado na vida cotidiana, podemos identificar os sentimentos, as potencialidades e as qualidades que ainda se encontram adormecidas no ser humano, auxiliando, assim, no desenvolvimento pessoal e espiritual.

Atualmente a dança circular é um instrumento de integração, celebração, auto-conhecimento e auto-cura que ajuda na expansão da consciência e no poder de transformação, buscando sempre o bem estar e a melhoria da qualidade de vida. O ser humano vive em uma sociedade altamente industrializada e com um sistema de educação científica que compartimenta. Mente, corpo e alma já não estão em harmonia. Há um perigoso desequilíbrio entre razão e consciência. Máquinas foram criadas para ampliar nossas vidas, mas só trouxeram stress, pressão, neuroses, doenças mentais e suicídio.

Barreto (2002, p.18) aponta então alguns benefícios trazidos pelas danças circulares sagradas. São eles:

Trazem a leveza, a alegria, a beleza, a paz, a serenidade, o amor que existe dentro de cada um; Proporcionam o trabalho em grupo sem que a pessoa perca sua individualidade; Desenvolvem o apoio mútuo, a integração, a comunhão e a cooperação; São instrumentos suaves de auto-conhecimento e auto-cura; Incentivam o indivíduo a expressar o que ele tem de melhor dentro de si; Harmonizam o grupo antes e depois de praticar suas tarefas cotidianas; Trazem musicalidade e ritmo para a vida diária; Equilibram o corpo físico, emocional, mental e espiritual; Ampliam a percepção, a concentração e a atenção; Trazem maior autodisciplina e centramento; Encorajam as pessoas a ocupar o seu lugar e seu espaço; Trazem flexibilidade e autoconfiança para a vida; Desenvolvem a auto-estima,

ajudando a transformar medos, angústias, ansiedades; Ajudam a combater o stress, a depressão; Ampliam a percepção e a intuição.

Para Cristina Bonetti (2002, p.30), professora de Danças Étnicas e Folclóricas e Danças Circulares Sagradas na Universidade Estadual de Goiás,

(...) dançar talvez seja uma forma de aprender a ouvir música com todo o corpo. Ao dançar as pessoas conectam com a energia de todos os povos e trazem um verdadeiro sentido da fraternidade, partilha e cooperação. É uma oportunidade de conexão com aspectos arquetípicos comuns a toda a humanidade e de resgate de uma forma de vivência simbólica.

Em seus workshops de Danças Circulares Sagradas, Cristina Bonetti apresenta um texto de sua autoria que defende a idéia de que a natureza tem seu tempo, seu ritmo, que é dividido em estações e simbolizavam o ritmo da mudança e da transformação. Esses ritmos também podem ser entendidos como ritmos musicais ou como ritmos corporais, em que culturas antigas nos ensinam que é possível dançar e cantar músicas que estão relacionadas com esses ritmos da natureza. Os ritmos sincronizados trazem uma integração, uma sintonia com a natureza.

Frente a essas danças circulares, vale ressaltar a força do círculo, que é um poderoso símbolo de unidade e totalidade. Durante a dança, estamos de mãos dadas, simbolizando a confiança e o apoio mútuo. No círculo não existe hierarquia, e as atitudes cooperativas, onde os participantes do grupo podem ajudar a superar os erros uns dos outros, manifestando o melhor de cada um. No círculo se cria um espaço seguro para que os potenciais possam se manifestar.

No círculo como reprodução micro-cósmica do espaço primordial, o ser humano, enquanto dançarino, se encontra de novo pertencente à criação. Ele transcende assim o ser dividido do ato da criação que despedaça a unidade do início na multiplicidade. (WOSIEN, 2002, p. 21)

Para o povo indígena, o círculo é sagrado. Observando a natureza, os índios perceberam que o círculo faz parte da vida no planeta. A Terra é redonda, os pássaros constroem seus ninhos em círculo, as estações do ano formam um círculo, o sol nasce e se põe em círculo, a lua faz o mesmo e ambos são redondos, as cabanas dos índios são redondas e ficam dispostas em círculos, enfim, observando

a natureza criaram suas danças, seus rituais, sua cultura em forma de círculo: o círculo sagrado.

Assim, o círculo é um símbolo universal de integração, harmonia e integração, de unidade e totalidade. O símbolo universal é comum a todos os seres humanos e suas culturas. Destarte, os efeitos do círculo realmente propiciam a sensação de unidade, de totalidade, de harmonia e de pertencimento com a natureza.

O SER HUMANO COMO DANÇARINO

O corpo do ser humano pode ser considerado como um instrumento para a vivência das emoções e valores na dança. O corpo é o templo da vida, onde a vida é celebrada diariamente. O bater do coração, o piscar de olhos, a respiração, o sangue correndo nas veias, tudo é movimento dentro do corpo humano, é uma dança, um ciclo que nos mantém vivos. Quando dançamos, estamos sincronizando este movimento individual, com o movimento do outro e com o movimento do planeta. “Através da dança podemos nos conhecer e movimentar o corpo, proporcionando uma maior percepção corporal.” (RIBEIRO, 2005, p. 138)

A coluna vertebral é um elo que une o céu e a terra, os braços estendidos nos unem ao outro. Os órgãos e os tecidos correspondem à terra, o sangue e a água que passam por todo o organismo, fluem como os rios e mares da terra. Os sentidos também podem ser ligados aos elementos naturais. O sentido do tato ao éter, o sentido da visão com o fogo, o sentido do olfato à terra, a audição ao ar e o paladar com a água. O ser humano torna-se um verdadeiro dançarino quando se deixa emocionar pelo que vivencia com os sentidos e, assim, pode vivenciar os ritmos da vida através da dança.

Todas as trajetórias de energia dos corpos terminam nos pés e, por isso, os povos da natureza andavam e dançavam descalços, para sentir os ritmos e as correntes da terra e também pelo conhecimento de que quem não toca a terra, não alcança o céu. (WOSIEN, 2002, p. 53)

O surgimento deste dançarino, deste novo ser humano dançante, ocorre pela fusão de natureza e espírito. Dançando, o ser humano se conecta novamente com

sua totalidade, e ao se conectar ao centro da vida através da dança, pode, enquanto agente transformador, atuar sobre o seu ambiente, aprimorando-o.

Toda ação humana envolve a atividade corporal. A criança é um ser em constante mobilidade e utiliza-se dela para buscar conhecimento de si mesma e daquilo que a rodeia, relacionando-se com objetos e pessoas. O movimento é necessário para que a criança harmonize de maneira integradora as potencialidades motoras, afetivas e cognitivas.

Para os índios o corpo, além de dançar, é um instrumento musical por excelência. Com o corpo os índios geram sons inconfundíveis: gritos, batidas de mãos e de pés, numa coreografia perfeita que põe os participantes em harmonia com si próprios e com a natureza. Enfim, o corpo é essencial para a percepção do ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões teóricas e de experiências com a própria dança circular por meio de cursos e vivências, torna-se evidente que a dança circular é um instrumento valioso de sensibilização ambiental, pois ela gera sentimentos de conexão com o todo, dos sentimentos de pertencimento, de integração, o respeito pelo outro e pelo ambiente, dando pressupostos de que as danças podem ser utilizadas pela educação ambiental, já que há uma aproximação muito estreita entre elas.

Vale considerarmos também, que a arte e a cultura, aqui representadas pela dança circular, podem ser valiosas no processo de transformação e devem ser uma constante nas propostas educacionais, assim como a educação ambiental. Aliás, a educação ambiental deveria ser intrínseca a qualquer processo educativo, pois não deve existir educação, se ela não for ambiental. Assim como na dança, toda via educacional deve sensibilizar e despertar o ser integral, a conexão e o sentimento de pertencimento.

Acreditamos que este artigo traz uma demonstração mesmo que em linhas teóricas, da integração entre a educação ambiental e a dança circular, já que essa

dança cumpre seu papel de despertar o respeito por si mesmo, pelo seu próprio ritmo, pelo outro, o próximo e pelo ambiente.

Para finalizarmos, vale lembrar do Chefe Indígena Seattle:

Todas as coisas são interligadas como o sangue que une a família. O que acontecer com a Terra, acontecerá com seus filhos. O homem não pode tecer a trama da vida; ele é meramente um dos fios. Seja o que for que ele faça à trama, estará fazendo consigo mesmo.

Esperamos então que todas as pessoas que desejam a transformação, a mudança de atitudes e a valorização do ser humano e do planeta possam ter a oportunidade de dançar em círculos, de dançar a vida e a natureza, contemplando os movimentos corporais.

REFERÊNCIA

ABREU, Dora. **Sem ela, nada feito!** Educação Ambiental e a ISSO 14001. Salvador Casa da Qualidade, 2000.

ARAÚJO, Alcione. **Para entender o Brasil.** São Paulo: Alegro, 2001.

ARAÚJO, Eduardo Manuel. **Um sonho possível:** do materialismo não-sustentável a uma vida holística sustentável. São Paulo: Willis Harman House, 2003.

BARRETO, Sirlene. Danças circulares sagradas: um caminho de educação e cura. **Revista Danças Circulares Sagradas** – Viva Melhor Especial. São Paulo: Ed. Escala, 2003

BONETTI, Cristina. **Apostila de danças circulares sagradas**. Curso de Formação Holística de Base da UNIPAZ-PR. Curitiba, 2002.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athenas, 1997.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus Editora, 1990

HUTCHISON, David. **Educação ecológica**: idéias sobre consciência ambiental. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

RIBEIRO, Ivana de Campos. **Sementes para o futuro**: educação ambiental de corpo e alma. S.l.: Corona, 2005

SANTOS, José Luis dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense. 1983.

VANUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**: visão e previsão. São Paulo: Loyola, 1987.

WOSIEN, Maria Gabriele. **Danças sagradas**. Madrid: Del Prado, 1996.

WOSIEN, Maria Gabriele. **Danças sagradas**: deuses, mitos e ciclos. São Paulo: Trion, 2002.

YUS, Rafael. **Educação integral**: uma educação holística para o século XXI. Porto Alegre: Artmed, 2002.